



**RESENHA**  
**A MUTUALIDADE COMO PROPOSTA AO FAZER ANTROPOLÓGICO**

**Review**  
***Mutuality as a proposal to the anthropological making***

***SANJEK, Roger (Org.). Mutuality. Anthropology's changing terms of engagement. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2015, 374 p.***

Soraya Fleischer  
Professora Associada do Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasil.  
Email: [soraya@unb.br](mailto:soraya@unb.br)

**Áltera, João Pessoa, v.3, n.11, p. 260-267, jul./dez. 2020**

ISSN 2447-9837

Quando eu trabalhava em uma ONG ambientalista, há duas décadas, logo aprendi que o desmatamento era nosso pior inimigo. Uma alternativa seria, por exemplo, o extrativismo. Uma coisa é chegar na mata e derrubá-la; outra coisa é colher os frutos e deixar as árvores de pé. Na antropologia, o primeiro procedimento é um terrível adversário, e agora, com esse novo livro organizado pelo Roger Sanjek, fica claro que o segundo também pode ser muito nocivo. Ao pensar na *mutualidade* – o principal conceito desenvolvido nessa coletânea –, o livro nos sugere que somente com nossas interlocutoras vamos decidir se as árvores serão abordadas e como seus frutos serão processados. Vejamos como essa metáfora florestal pode ser útil aqui.

Roger Sanjek é um professor aposentado da Queens College, na City University de Nova Iorque. Ao longo de sua carreira, investiu em publicações sobre os bastidores da antropologia, seu fazer, seus dilemas do fazer (1990, por exemplo). No presente livro, ele continua nesse escrutínio interno à área: “Por que fazemos antropologia, no final das contas? Quais valores sustentam os compromissos que antropólogos mantêm com o longo treinamento acadêmico, o trabalho de campo, o escrever e publicar e a comunicação com várias audiências? Por que fazemos o que fazemos?” (2015, p. 1).<sup>1</sup>

O livro é composto por quatro partes, “Orientações” (panoramas para o conceito-chave do livro), “Raízes” (valores que trazemos de nossas origens, famílias e comunidades), “Jornadas” (construções do conceito no decorrer das trajetórias profissionais) e “Públicos” (relações e parcerias mantidas com os públicos). Cada parte conta com quatro capítulos, previamente apresentados pelas autoras como *papers* em eventos acadêmicos que Sanjek ajudou a coordenar. E o organizador escreveu textos que abrem e fecham o livro.

Quase todas as dezessete autoras têm mais de três décadas de carreira na antropologia. Conhecemos seus projetos e parcerias de pesquisa, escrita, extensão e *advocacy*, por exemplo, entre demandantes do acesso à água no Novo México; entre anciãos e jovens Yup’ik compartilhando conhecimento sobre a tundra no Alasca; com sanseis nipo-americanos e militantes do Gray Panthers na Califórnia; sobre os impactos da instabilidade climática e política entre refugiados no Sudão e na Somália;

---

<sup>1</sup> São minhas as traduções das citações do livro resenhado.



com artistas em um cotidiano estético em Chicago; sobre o tai-chi-chuan como um projeto de extensão para pessoas cadeirantes na China e nos EUA; entre cidadãos pobres brigando pelo direito de usar parques públicos em Washington; com residentes e funcionários em asilos no interior de Nova Iorque; com pescadores na Bahia e comerciantes em Gana.

Viajamos para tantas partes do mundo com essas autoras e constatamos a perspectiva sênior ao longo do livro. A maioria escolheu recapitular como e com quem tentou estabelecer relações mútuas durante suas trajetórias profissionais. Os desafios à mutualidade se localizam historicamente nas décadas de descolonização no Sul e da virada pós-moderna no Norte (1960-1970). Elas contam com distanciamento temporal e, confortáveis no topo da carreira, têm muito mais liberdade para questionar o *status quo* da academia ou fazer *mea culpa* por práticas exploradoras e desiguais de pesquisa (SANABRIA; DUARTE, 2019, p. 9). Com um teor de reminiscência, esse balanço pode ganhar, por vezes, um tom heroico e bem-sucedido, e ao final, cogitamos como a mutualidade está sendo vivida por pesquisadoras mais jovens, entrando no mercado de trabalho e utilizando meios de comunicação do século XXI.

As autoras da obra revelam diversas possibilidades de mutualidade: entre elas mesmas e suas interlocutoras; entre gerações diferentes; discentes e docentes em uma mesma equipe de pesquisa; pesquisadoras de diferentes áreas do conhecimento; membros de uma mesma família; autoras e suas leitoras. Vale explorar algumas das principais definições que se desenham para o conceito central do livro. Para começar, Roger Sanjek é categórico ao apontar que há dois sistemas de valores que motivam nosso trabalho na antropologia, o “complexo academia-carreira” e a “mutualidade”. O organizador sugere que eles sejam bastante incompatíveis, mas que vale compará-los por razões heurísticas – e eventualmente, ambos até se sincronizariam. Essa tônica dicotômica está presente ao longo do livro, mas várias autoras descrevem como pouco a pouco encontraram formas de exercitar práticas mútuas no espaço acadêmico, problematizando, reinventando e oxigenando a universidade e o carreirismo. Ao final, saímos esperançosas de que uma outra universidade é possível.

Para o organizador da coletânea, a mutualidade fomentaria “relações positivas com as pessoas que estudamos, com quem trabalhamos, sobre e para as quais



escrevemos e com quem nos comunicamos mais amplamente” (SANJEK, 2015, p. 2). Lembra que isso não é algo novo nem intrínseco à antropologia, mas depende de uma decisão explícita sobre como construir as relações em nosso trabalho. Mutualidade pode significar o terreno comum, sobre o qual todas as partes envolvidas têm interesses, interpretações, esforços e ações coincidentes (HIRABAYASHI, 2015, p. 119). Para Lane Hirabayashi, essa seria ao mesmo tempo um ideal, um método de pesquisa, uma prática de pesquisa social e uma epistemologia, ao também gerar formas de conhecimento. Orientar-se pela ética da mutualidade é trabalhar com e para a comunidade em questão, de acordo com suas demandas e litígios pela autodeterminação, resistência e sobrevivência. É, portanto, uma ferramenta que pode fazer da pesquisa algo social, ética e politicamente informado.

Rogaia Abusharaf aproxima a mutualidade da ideia de urgência para que “nossa posicionalidade como pesquisadoras seja interrogada, para suplantarmos o distanciamento e as outras ‘ficções persuasivas da antropologia’, como diria M. Strathern” (2015, p. 130). As autoras de *Mutuality* desejam que suas pesquisas façam sentido para as vidas das pessoas com quem convivem, para que os resultados sejam apropriados da forma mais pertinente e ajudem a mudar as suas condições estruturais de vida. Percebem que não é possível continuar fazendo pesquisa do jeito que aprendemos na escola, apenas recolhendo e analisando os materiais, mas que é necessário participar mais direta e ativamente junto dessas populações. Alaka Wali resume, então, que é o “modo ativista da colaboração que define a mutualidade” (2015, p. 174).

Catherine Besterman percebe “a etnografia como uma prática de mutualidade” (2015, p. 260). Vai além e valoriza a importância do “amor etnográfico no empreendimento antropológico, uma forma de amor definida pela experiência de mutualidade, solidariedade, colaboração e autotransformação” – que também está “presente em encontros que não necessariamente acontecem no marco de projetos de mudança social” (BESTERMAN, 2015, P.260). Segundo a autora, muitas antropólogas, envolvidas com pesquisas de longo termo, chegam à conclusão de que a principal decorrência desses projetos são as relações pessoais mutuamente construídas. Como qualquer longo relacionamento, e porque nunca somos apenas tidas como



colaboradoras intelectuais (mas também amigas, parentes, vizinhas, testemunhas), esse tipo de amor também implica em “tensões, ambivalências, ambiguidades, desapontamentos e rupturas” (BESTERMAN, 2015, p. 264).

Tudo isso impacta o tipo de mutualidade em curso e leva à transformação das partes envolvidas; e ao serem transformadas as pessoas, os resultados da etnografia também o são. Besterman, acompanhada pelas ideias de Virginia Dominguez, Sidney Mintz, Ruth Behar, Phillipe Bourgois, afirma que o amor etnográfico é o que confere valor e validade à nossa produção, e que, ao lado da identidade política, esse é o sentimento mais importante da pesquisa e representação etnográficas.

Por tudo isso, ao longo dos capítulos, fica claro que o avesso da mutualidade são “as técnicas pedagógicas tradicionais de educação bancária e a pesquisa realizada de modo assimétrico, *top-down* e extrativista”, em que a pesquisadora vai até a comunidade, coleta dados e depois desaparece (RODRIGUEZ, 2015, p. 59). E Brett Williams lembra que “mutualidade funciona como uma dialética, já que nunca está completa, nunca termina e está sempre enriquecida com as possibilidades de seus opositores: alienação, estranhamento e exploração” (WILLIAMS, 2015, p. 238). Garrick Bailey lembrou da história exploratória e desigual com indivíduos e sociedades indígenas nos EUA, propondo que a mudança aconteça por uma intensa “colaboração intelectual” entre as partes (2015, p. 28).

Rodriguez, inclusive, acha que vivemos uma “crise de mutualidade”, ao continuarmos a desenhar nossas pesquisas em um espaço e depois sermos interpeladas pelas prioridades de outro espaço; ao insistirmos na separação entre o ideal de objetividade que nos incumbe a universidade e o chamado ao engajamento feito por nossas interlocutoras (RODRIGUEZ, 2015, p. 49); ao privilegiarmos acima de tudo o avanço profissional, o acesso e o direito ilimitado aos dados, o refinamento teórico da disciplina (SANJEK, 2015, p. 286). Rodriguez nos chacoalha: e se mutualidade se tornasse o critério do desenho e da avaliação da qualidade de nossas pesquisas? (2015, p. 49). E Sanjek pergunta se devemos mesmo manter a teoria como o único *commodity* acadêmico (2015, p. 292-293). Imagino, a partir dessas provocações, uma interessante cascata de mudanças sobre as esferas de educação, financiamento, publicação e empregabilidade das cientistas.



As autoras nos trazem muitas cenas, histórias e argumentos para que esses dois mundos não sejam tão separados e hostis. Oferecem também refinamentos do conceito-chave, para construirmos um repertório prático. “Mutualidade envolve negociação”, diz Renée Shield (2015, p. 205), com tantas partes e em tantos momentos, lembrando-nos que essa não é uma relação para dentro da qual deslizamos naturalmente. Lanita Jacobs lembra que uma das dádivas trocadas em campo é a empatia, mas esta é merecida e negociada (2015, p. 251). E, mesmo que tenhamos uma forma ideal na qual gostaríamos que ela acontecesse, a mutualidade é exigida e definida especificamente por cada grupo com quem fazemos nossas pesquisas (SHIELD, 2015, p. 217). Por isso, entendemos que a “mutualidade é seletiva e fluida ao longo do tempo” (RODRIGUEZ, 2015, p. 58), não é fixa, não é imutável. Acompanha as flutuações e delicadezas das relações *per se*. Precisa de tempo para se estabelecer, se desenvolver, respeitando os parâmetros locais de trocas, respeitando a personalidade e os limites da pesquisadora também. Assim, desenvolver a sensação de mutualidade é um “ato de paciência” (WALI, 2015, p. 177).

Além disso, promove-se uma inversão epistemológica, por exemplo, em que o professorado será igualmente encontrado fora das universidades, nas comunidades onde a pesquisa acontecer. Colocar a mutualidade em prática muda o lugar e o papel da antropóloga. Sua voz, sua versão dos fatos passam a ser mais uma. Mais uma *expert* dentre tantas, mais uma autora entre várias. Ela assume papéis mais e mais periféricos, vira tradutora, editora, escutadora (FIENUP-RIORDAN, 2015, p. 76). Vira uma urgente amplificadora das vozes (ABUSHARAF, 2015, p. 140). Abusharaf explica que, ao tomar assentos em tantos fóruns de luta pela vida de populações refugiadas, por exemplo, assumiu “papéis prismáticos” como antropóloga (2015, p. 150), dotando a mutualidade de facetas muito diversas.

A mutualidade torna injustificável, portanto, a metodologia “mosca-na-parede” (porque não podemos mais ficar dentro do armário com a nossa posicionalidade), a narrativa onisciente e altiva (porque não nos perdoarão da aura de superioridade), a discursividade “lacradora” (porque definitivamente não conhecemos a totalidade dos fatos), a publicação exclusivamente teórica e abstrata (porque nos serão exigidas traduções e aplicações). O valor da mutualidade entende pesquisa de outra



forma, exige outro tipo de pesquisadora, transforma de onde viemos e para onde vamos como antropólogas. Critica, definitivamente, a prática extrativista e questiona que continuemos fazendo “etnografia *hit and run*”, escrevendo textos antropológicos “*reader-unfriendly*”, sustentando o carimbo de “tolas esclarecidas” (SANJEK, 2015, p. 291; p. 294). Por isso tudo, pensar pela lente da mutualidade revira várias das práticas consolidadas da socialização acadêmica e da produção científica, impactando diretamente os nossos cânones de formação, financiamento e publicação.

É bom reforçar que as autoras reunidas aqui não são prescritivas nos sentidos de que toda pesquisa antropológica deva seguir o paradigma da mutualidade, de que somente a antropologia feita em casa é necessariamente mútua ou de que a qualidade de uma pesquisa equivaleria à positividade de suas relações em campo. Estão a nos lembrar dos vários ingredientes para construir relações mais mútuas, que envolvem método, atitude, ética e concepções de universidade, educação e ciência. Tampouco são *naïves*, sabem como a mutualidade é um tipo de relação, e por estreitarmos nossos laços com algumas e não com outras pessoas, temos acesso e perspectiva a uma versão, a uma porção circunscrita daquela realidade. A mutualidade cria, por excelência, a parcialidade, exige que reconheçamos a coexistência, nem sempre amistosa, de múltiplas interpretações. Muitos capítulos reconhecem os limites da mutualidade, sua impertinência ética e etnocêntrica, por vezes. “Não podemos ser precipitadas ao assumir uma ‘perspectiva antropológica’ universal definida por uma ética de mutualidade baseada em visões colaborativas de uma boa sociedade” (SANJEK, 2015, p. 281).

No final das contas, os espelhos, as cobranças e críticas nos provocam e nos aperfeiçoam. Continuar insistindo em perguntas formuladas apenas na e para a comunidade antropológica, em textos herméticos e cheios de jargão da área, na premiação quantitativa da produção científica dificulta o diálogo com e a participação de nossas colegas, estudantes e interlocutoras. Rodriguez nos convoca a pensar que a abordagem mútua, ao questionar as bases da educação, publicação e sociabilidade acadêmicas, pode se tornar uma potente “antropologia de guerrilha” (2015, p. 60), combatendo as desigualdades e violências dos desmatamentos e extrativismos não só nas comunidades onde estudamos, mas também dentro daquelas nas quais somos formadas e formamos as futuras gerações de antropólogas.





## REFERÊNCIAS

- ABUSHARAF, Rogaia Mustafa. Cartographies of Mutuality: Lessons from Darfur. In: SANJEK, Roger (Org.). **Mutuality**. Anthropology's changing terms of engagement. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2015, p. 130-150.
- BAILEY, Garrick. Anthropology and the American Indian. In: SANJEK, Roger (Org.). **Mutuality**. Anthropology's changing terms of engagement. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2015, p. 11-28.
- BESTERMAN, Catherine. On Ethnographic Love. In: SANJEK, Roger (Org.). **Mutuality**. Anthropology's changing terms of engagement. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2015, p. 259-283.
- FIENUP-RIORDAN, Ann. 'If You Want to Go Fast, Go Alone. If You Want to Go Far, Go Together': Yup'ik Elders Working Together with One Mind. In: SANJEK, Roger (Org.). **Mutuality**. Anthropology's changing terms of engagement. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2015, p. 61-79.
- HIRABAYASHI, Lane. Thinking About and Experiencing Mutuality: Notes on a Son's Formation. In: SANJEK, Roger (Org.). **Mutuality**. Anthropology's changing terms of engagement. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2015, p. 118-128.
- JACOBS, Lanita. On 'Making Good' in a Study of African American Children with Acquired and Traumatic Brain Injuries. In: SANJEK, Roger (Org.). **Mutuality**. Anthropology's changing terms of engagement. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2015, p. 249-258.
- RODRIGUEZ, Sylvia. Mutuality and the Field at Home. In: SANJEK, Roger (Org.). **Mutuality**. Anthropology's changing terms of engagement. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2015, p. 45-60.
- SANABRIA, Guillermo Vega; DUARTE, Luiz Fernando Dias. O ensino de Antropologia e a formação de antropólogos no Brasil hoje: de tema primordial a campo (possível) de pesquisa (antropológica). **BIB**, 90, 2019, p. 1-32.
- SANJEK, Roger (Org.). **Fieldnote**: The makings of anthropology. Ithaca: Cornell University Press, 1990.
- SHIELD, Renée. Embedded in Time, Work, Family, and Age: A Reverie About Mutuality. In: SANJEK, Roger (Org.). **Mutuality**. Anthropology's changing terms of engagement. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2015, p. 203-222.
- WALI, Alaka. Listening with Passion: A Journey Through Engagement and Exchange. In: SANJEK, Roger (Org.). **Mutuality**. Anthropology's changing terms of engagement. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2015, p. 174-190.
- WILLIAMS, Brett. Fragments of a Limited Mutuality. In: SANJEK, Roger (Org.). **Mutuality**. Anthropology's changing terms of engagement. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2015, p. 238-248.

Recebida em: 12/08/2020

Aprovada para publicação em: 06/10/2020

